

VOCÊ NÃO VAI CELEBRAR COMIGO?

LUCILLE CLIFTON

VOCÊ NÃO VAI CELEBRAR COMIGO
O QUE MOLDEI NUM
MODO DE VIVER? NÃO TIVE MODELOS.
NASCIDA NA BABILÔNIA
NASCIDA NÃO-BRANCA E MULHER
O QUE EU VI PRA SER, ALÉM DE MIM MESMA?
EU INVENTEI
AQUI NESSA PONTE ENTRE
PÓ-DE-ESTRELA E BARRO,
ESSA MINHA MÃO:
VEM CELEBRAR
COMIGO QUE TODO DIA
ALGUMA COISA TENTOU ME MATAR
E FRACASSOU.

DE ELISA LUCINDA:

"AS ESCRITURAS DOS FATOS, AS COSTURAS DO DESEJO,
ESSA ALFAIATARIA DO TEMPO FOI ME VIRANDO EM
ATRIZ-ESCRITORA-POETA.
SEMPRE A PALAVRA A ME RONDAR.
NUNCA MAIS PUDE-QUIS SAIR DO PALCO POÉTICO (...)
ME PERGUNTAIS TANTAS COISAS:
DE PORQUE ESCREVO, DE COMO ESCREVO,
DE QUAL O MEU PROCESSO; SE SOU POETA, POETISA, FEMINISTA,
FEMININA, E NUM SEI QUE MAIS. ACABO RESPONDENDO O QUE ME
SURGE NA HORA. INVENTO COM FÉ CADA RESPOSTA PRA QUE SEJA EU A PRIMEIRA
A ACREDITAR, MAS NO FUNDO NÃO SEI MESMO.
ESCREVO PORQUE NÃO TEM JEITO.
ESCREVO PORQUE É O JEITO. O MEU JEITO DE EXISTIR.
COMO UMA RESPIRAÇÃO, COMO UM VÍCIO NUMA
EMBOCADURA DE OLHAR.(...)
O UNIVERSO DAS PALAVRAS VIRA UMA CIVILIZAÇÃO,
UMA RAÇA.
UM POVO SIMBÓLICO À PARTE,
PARA FAZER A FESTA DAS VERSÕES.
O BANQUETE."

E GENI MARIANO GUIMARÃES:

"QUANDO ME VEM OFERECER UÍSQUE
APROVEITA O DEDO QUE SEGURA A TAÇA
E ME INDICA A PORTA, DISFARÇADAMENTE.
EU CONSCIENTE
DO DIREITO A FESTAS,
(INCLUSIVE A COMEMORADA NO MÊS DE MAIO)
BEBO. E NÃO SAIO."

TALENTO DE VERDADE,
LECI BRANDÃO E ALCEU MAIA:

MULHER DEIXA DE BANDEIRA
MULATA NUNCA FOI UMA PROFISSÃO
MUCAMA VOCÊ É A MUSA
DO CANTO DA MINHA NAÇÃO.

SE VOCÊ QUER SABER O QUE É SERIEDADE
É BENEDITA DA SILVA
APRENDER O QUE É GARRA
É A MULHER DO MANDELA
VER TALENTO DE VERDADE
SE LIGA NA RUTH DE SOUZA
UM EXEMPLO DE CORAGEM
OLHA PRA MÃE DA FAVELA ...
SENSUALIDADE ...
GUARDA PRA TUA RAÇA
NÃO SE DEIXE ENGANAR
ASSUMA A SUA IDENTIDADE

SEJA MULHER DE VERDADE
SEJA MAIS DO QUE SE QUER
ASSUMA A SUA IDENTIDADE
SEJA NEGRA DE VERDADE
SEJA MAIS. SEJA!





COTAS NAS UNIVERSIDADES, FRUTOS DE VENTRES FLORESCIDOS. UM DIREITO E NÃO UM FAVOR.

Paula Balduino de Melo, mestranda em Antropologia.
Poliana Mendes Martins, graduanda em Teatro e ativista do Centro de Valorização da Cultura Negra.
 Ambas integrantes do Coletivo de Articulação em Defesa das Cotas e do Fórum de Mulheres Negras do DF.

Ao longo de nossa história, muitas mulheres contribuíram para a aquisição de direitos importantes para a população negra, direitos esses que se estendem não só a nós negras, mas a homens e crianças, pretas ou não. Como a história do Brasil não é contada por mulheres como nós – e como essas que fizeram história por uma educação justa, por uma vida digna com equidade social –, não é surpresa nem redundância dizer o quanto nós, mulheres negras brasileiras, temos percorrido uma trajetória desconhecida e invisibilizada, por conta das heranças patriarcais e eurocêntricas que são alimentadas por quem detém e se mantém no poder, nos discriminando e nos segregando; por conta da nossa cor, nosso sexo, nossa classe, nossa orientação sexual; por não aceitar o que foge à heteronormatividade é que agem assim.

Notamos uma trajetória histórica que vem se desenhando desde a colonização, marcada pela violência, opressão e estupro sobre o corpo e o espírito da mulher africana trazida como escrava para o Brasil. Mesmo diante de violações absurdas, fomos capazes de reagir.

Kehinde, que ficou conhecida pelo seu nome branco de Luíza Mahin, é um exemplo disso. Trazida da África para o Brasil ainda quando menina, no início do século XIX, resistiu desde o início. Chegando em solo brasileiro, não aceitou o nome branco que lhe colocaram, isso depois de perder sua sábia avó e sua irmã gêmea no desumano navio negreiro que a transportou para cá. Quando jovem, tornou-se “negra de ganho”, vendendo biscoitos nas ruas de São Salvador. Essa nega lutadora conseguiu, assim, juntar dinheiro para participar de uma irmandade, uma união de negros e negras que somavam suas rendas para conseguir obter a alforria de cada uma e cada um. Em 1885, Kehinde lutou na Revolta dos Malês, um dos maiores levantes negros em busca da libertação no Brasil. Ela viveu no Rio de Janeiro, em São Paulo e no Maranhão, numa das mais antigas casas da religião afro-brasileira, a Casa das Minas. Chegou a voltar para a África, com um de seus maridos, e para lá levou a arquitetura brasileira, trabalhando na concepção e construção de casas. Pariu um dos mais importantes homens negros na luta pela libertação do nosso povo, o advogado Luís Gama.

As resistências à escravidão foram inúmeras. Por exemplo, na constituição dos quilombos, nos quais as mulheres negras foram figuras centrais em muitos casos, como no quilombo de Conceição das Crioulas, no sertão de Pernambuco, sobre o qual Givânia Maria da Silva vai nos falar neste suplemento.

Podemos pensar em nomes mais conhecidos, como, por exemplo, o de Xica da Silva – mulher negra que foi escravizada, mas que chegou a ter muita riqueza e obrigou a mais alta corte, de portugueses e brasileiros, a recebê-la como uma igual. Mais contemporânea, Clementina de Jesus, uma das maiores cantoras da música brasileira, foi doméstica por mais de 20 anos. Só começou sua carreira como cantora profissional aos 60. Lélia Gonzales, doutora em Antropologia Social, que, ao ir de Minas Gerais para o Rio de Janeiro, no início dos anos 40, foi babá em seu primeiro emprego. Nos anos 70, foi uma das fundadoras do Movimento Negro Unificado – MNU – e se tornou uma referência para a discussão da negritude e da questão de gênero no Brasil.



1995 - 2010

**15 ANOS SEM BEATRIZ.
 AS MULHERES NEGRAS DIZEM
 NÃO À MISOGÍNIA!**

As mulheres negras sempre se movimentaram por ideais de justiça, participando de movimentos organizados, reivindicando inserção em espaços dominados pelo colonialismo, na tentativa de lutar contra a violência e o sexismo. Mesmo sem a pretensão de ocupar esses espaços, vemos aí mulheres negras em sua lida diária, cumprindo o papel de se colocar contra a opressão imposta pelo machismo e racismo.

Maria, Anastácia, Jacira, Isidora, Antônia, Carolina, Benedita, Juliana, Margarida, Hoselite, Edite, Nádyá, Amália, Ildete, Fernanda, Jandira, Inês, Andreia, Mariana, Rita, Cândida e tantas outras são nomes que não foram registrados. Mas a tradição oral é cultura herdada e nos deu o privilégio de saber da história das mulheres que nos representam, ontem e hoje.

São tantas pretas: rainhas e embaixadoras de Maracatus, Congadas, Folias, Afoxés; mulheres festeiras, jongueiras, curandeiras, Ialorixás, Makotas, espalhadas por esse Brasilão afora. São mulheres que preservam a beleza e a riqueza de tradições que nos trazem concepções de mundo diversas. Relicários de matrizes culturais que nos remetem a nossa ancestralidade e nos oferecem outras histórias, muitas histórias, para além da referência generalizada e exclusivista do mundo ocidental, branco, masculino, heteronormativo.

A presença de mulheres negras nos movimentos sempre enfatizou uma questão primordial: a educação. São muitas mães negras a lutar para que suas filhas e filhos tenham acesso à formação escolar e para que se mantenham na escola, enfrentando um cotidiano de preconceito incessante. Se hoje precisamos de políticas específicas, é porque durante a história do Brasil a nossa trajetória sempre foi específica, numa singularidade de lutas grandiosas, quase sempre não reconhecidas.

Gersen Barbosa e Petronilha Silva, que atuaram como professoras na Escola da Frente Negra Brasileira, na criação de bibliotecas e cursos de alfabetização, foram exemplos de mulheres que representam a tentativa de inclusão de nós negros/as na educação formal. Graças à luta dessas mulheres e de tantas outras, hoje podemos contar com a presença das professoras doutoras Denise Botelho e Eliane Cavaleiro na Universidade de Brasília, para falar do nosso espaço.

É por conhecermos essa história, é por sabermos que junto de nós há muitas que nos antecederam, que temos a certeza de afirmar: a reserva de vagas para negras e negros nas universidades não é um favor. É um direito que foi conquistado sobre sangue, suor e lágrimas dessas mulheres e de tantas outras, como nós. Queremos mais do que isso, queremos um país livre, que respeite e saiba tratar com justiça e equidade mulheres e homens, em todas as suas diferenças e semelhanças.

MULHERES NO CANDOMBLÉ



Denise Botelho, Professora Adjunta da FE-UnB Diretora-Tesoureira - Associação Brasileira de Pesquisadores(as) Negros(as).

Pensar nas mulheres no candomblé é pensar uma religião que, na contramão do machismo, possibilita o exercício feminino do sacerdócio, sendo que, para os segmentos mais ortodoxos, o sacerdócio é exclusivamente feminino, mas deixemos esta polêmica para outras reflexões. Aproveitemos a ocasião para reverenciar as grandes lideranças religiosas do candomblé que guardaram e continuam zelosamente guardando a história e a cultura do povo negro que não aparecem nos livros didáticos e que não são resgatadas por conta de um racismo institucional cristalizado na sociedade brasileira. É a mulher a responsável pela “transmissão das tradições religiosas e culturais (...) o elo entre o sagrado e a vida comunitária” (Teodoro, 1996: 59). Essas mulheres também são pilares fundamentais da educação nas comunidades onde estão inseridas.

Peço a proteção às feministas históricas do candomblé cujas ações, mesmo que não houvesse uma elaboração intelectual do ativismo feminino, consagraram-nas como libertadoras; e peço a bênção de Mãe Aninha, Mãe Menininha do Gantois, Mãe Senhora, Mãe Maria Jesuína, Mãe Stella de Oxossi, Mãe Beata de Yemonjá, Mãe Railda de Oxum, Makota Valdina, Mãe Nenê, Mãe Juju e muitas outras mulheres que, ao abraçarem o sacerdócio afro-brasileiro, lutam contra o duplo processo de discriminação de gênero e de raça.

As sacerdotisas são chamadas de iyalorixás. Elas são lideranças máximas do candomblé, pois detêm o maior conhecimento dos fundamentos da religião e a responsabilidade de transmitir esse conhecimento e o axé à sua família de santo. As equedís, cujos orixás não se manifestam fisicamente, auxiliam as iyalorixás na organização ritual de diferentes formas. Há muitos outros cargos femininos – relacionados às oferendas, à vestição e paramentação das divindades, ao preparo das comidas sagradas e a outras

atividades essenciais para a dinâmica da religião (Botelho, 2005) –, que são assumidos a partir da condição feminina, como também em relação ao orixá a que estão vinculadas as mulheres.

Mitos como fortalecimento das identidades de mulheres negras

Mulheres e homens iniciados no candomblé conhecem, identificam e têm como norteadora a mitologia dos orixás. Como afirma Campbell, a mitologia e o ritual levam a uma transformação do indivíduo, desprendendo-o de suas condições históricas locais e conduzindo-o para algum tipo de experiência inefável (1992: 373). Os mitos manifestam o sagrado no mundo, contam a história sagrada do início da existência. Relatam um acontecimento ocorrido no tempo da criação, narrando “como uma realidade passou a existir graças às façanhas dos Entes Sobrenaturais. Seja uma realidade total ou o Cosmo, ou apenas um fragmento: uma ilha, uma espécie vegetal, um comportamento humano, uma instituição.” (Eliade, 1972: 11).

Com o objetivo de transcender os reveses da vida em busca de conquistas favoráveis à realização de sua emancipação, as mulheres têm como referência as histórias de suas santas guerreiras, guardiãs, mães protetoras. Nos caminhos da vida, há sempre obstáculos a serem superados, e a busca consiste em “favorecer os símbolos que levam o espírito humano a avançar, opondo-se àquelas outras fantasias humanas constantes que tendem a levá-lo para trás” (Campbell, 1992: 21).

O olhar reencantado possibilita novas reflexões sobre a humanidade, e a nova visão leva-nos à percepção inédita que auxilia a quebrar o condicionante de dores, de pouca valia e de identidades fragmentadas da maioria das mulheres negras brasileiras.

Os mitos das yabás apresentam uma realidade rica de imagens e símbolos sagrados presentes no cotidiano e na vida

das adeptas do candomblé. A partir das yabás - organizadoras psíquicas – é que os(as) iniciados(as) e também os(as) não-iniciados(as) do candomblé vivenciam uma possibilidade conciliadora entre os opostos, tais como: morte e nascimento; jovem e ancião; homem e mulher; terra e céu; e uma infinidade de outras situações de aparente oposição, mas que são apreendidas e assimiladas de forma complementar e não excludente, possibilitando a circularidade da vida, que nasce na ancestralidade e realiza-se nas novas ações e ideias da contemporaneidade.

Para a nova ordem social, onde as mulheres negras estão em outro lugar de reivindicações, os mitos religiosos afro-brasileiros podem alicerçar uma lógica de poder, fortalecer identidades fragmentadas e consolidar autoconceitos positivos. Axé!





A REPRODUÇÃO DA SEMENTE DAS CRIOULAS...

Givânia Maria da Silva, educadora quilombola, coordenadora geral de regularização dos territórios de quilombo do INCRA, mestranda da UnB em Políticas Públicas e Gestão da Educação.

"COMO ACONTECE A REPRODUÇÃO DE UMA SEMENTE? ELA NASCE, CRESCE E BROTA. PRODUZ FRUTOS, NOVAS SEMENTES E DEPOIS NOVOS FRUTOS E ASSIM CONTINUA A REPRODUÇÃO. ÀS VEZES SE PERDE, MORRE, PORÉM, SEMPRE HÁ SEMENTES PARA CONTINUAR A REPRODUZIR E ASSIM CONTINUA POR MUITO TEMPO".....

Contam os mais velhos que, em meados do século XVIII, seis negras chegaram à região onde hoje é a comunidade quilombola de Conceição das Crioulas, localizada no município de Salgueiro-PE, e arrendaram uma área de três léguas em quadra. Com a produção e fiação (espécie de tear) do algodão, sendo vendida na cidade de Flores, também no sertão pernambucano, conseguiram pagar a renda das terras e ainda ganharam o direito de adquirirem o documento de suas terras.

Uso a metáfora da semente para falar sobre as primeiras mulheres de Conceição das Crioulas, pois, ao chegarem naquele chão, no meio do sertão, na região semiárida que parece não ser fértil, fizeram com sua fibra brotar muitas sementes e essas sementes vêm renascendo e trazendo muitos frutos e flores para enfeitar aquele chão, fazendo exatamente como o ciclo natural de uma semente.

Foi dessas sementes que nasceu "Agostinha Cabocla", mulher guerreira descendente das crioulas que chegaram naquele chão. Morreu com quase cem anos. Mulher que, para defender seu território no momento em que os grileiros chegaram para invadir a área, foi a Recife, capital de Pernambuco, percorrendo 560 km a pé, para afirmar: "esse território é nosso". Mulher negra, que, embora analfabeta, era muito determinada a não se render à opressão. É nesse mesmo lugar que nasceu Margarida Dominga, "mãe Magá", modo como todos nós da comunidade a chamamos: parteira, que muitas vezes fez o papel de médica da comunidade durante 5 décadas.

Ali também nasceu Madrinha Lourdes, como é chamada pela maioria das pessoas mais novas do que ela. Uma mulher artesã, que, apesar de não ter concluído nem a 1ª série, chegou a alfabetizar várias crianças na comunidade, transformando o barro em educação, sem deixar de trabalhar na roça. Como? Fazendo suas panelas, potes, pratos de barro e vendendo na própria comunidade e na redondeza. Com os minúsculos recursos, deu educação para seus 7 filhos, inclusive pra mim, pois ela é minha mãe. Eu, certamente estou ligada a essa história, seja pela minha mãe, seja pelo pertencimento àquele quilombo. Mas, quero contar um pouquinho da minha história, que começa com a transfusão que o barro fez na minha vida e, conseqüentemente, na vida da comunidade.

Das meninas da minha época, eu era, até 1995, a única a ter concluído o ensino médio e estar no ensino superior, desta vez na Faculdade de Ciências Humanas do Sertão Central-FACHUSC, aonde me formei em Letras. Como chegar à cidade, morando a 48 km de distância, quando transporte escolar não era oferecido no município, nem para os alunos do ensino fundamental da comunidade, muito menos para alunos do ensino superior? Já servidora pública municipal, pedi licença sem vencimento, o que ocasionou a impossibilidade de bancar os estudos. Fui convidada para trabalhar em um projeto da Igreja Católica, forma que encontrei de pagar minhas mensalidades. Foi uma experiência única, pois tinha como tarefa mobilizar as comunidades rurais, associações e sindicatos, no âmbito de oito municípios no sertão de Pernambuco, oportunidade que aproveitei para cada vez mais vivenciar a minha comunidade.

No meio de toda essa efervescência, nasce a Escola Professor José Mendes, na comunidade de Conceição das Crioulas, lugar onde tive o privilégio e missão de ser a 1ª diretora. Quase que de forma natural, todas essas descobertas foram se transformando em currículo na escola. É também essa escola que pela primeira vez levava o nome de descendente das Crioulas, Professor José Mendes, quebrando uma cultura de nomes de santos ou de fazendeiros.

Estava eu lá em 96, indicada pela comunidade, fazendo educação com aquele povo, quando recebo do mesmo povo outra missão: representá-lo na Câmara de Vereadores do Município de Salgueiro. Sem recusar, lá vou eu. Disputo a eleição para vereadora neste mesmo ano, chegando a ser anunciada eleita, mas não assumindo porque houve mudanças no resultado da eleição. Em 2000, fui para disputa novamente. A comunidade acreditava que ter uma representação na Câmara Legislativa fortaleceria nossa luta. Fui a segunda mais votada do município, feito que só se tornou possível devido ao empenho e determinação da comunidade. Em 2004, fui reeleita. Exerci o mandato de

vereadora sempre como um instrumento da comunidade.

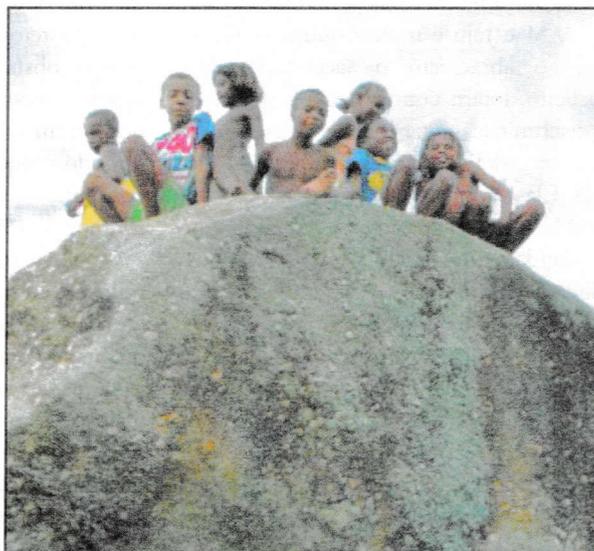
Em 2007, fui convidada a compor a equipe de governo do presidente Lula, desta vez como Subsecretaria de Políticas Tradicionais da SEPPIR-PR. Saí após 9 meses. Seis meses depois assumi a coordenação da política de regularização fundiária dos territórios de quilombo do INCRA, tarefa bastante desafiadora.

Os desafios só aumentam. Aprovada na seleção para mestrado 2010, em Políticas Públicas e Gestão da Educação, na Universidade de Brasília, vou ver como esses dois elementos se encontram: experiência de vida e academia. Estou eu lá de novo, mais uma vez desafiando a história, os números e a mim mesma.

Há muitas mulheres naquele lugar, que tiveram e tem um papel como o meu, ou ainda, como o da semente crioula, de continuar a reprodução dessa história de luta e resistência, que tentei contar aqui, sabendo que é impossível transmiti-la nessas breves palavras.

Essa história tem continuidade com as sementes que renascem todos os dias e continuam a reprodução, defendendo esse mesmo lugar. Eis aí a semelhança dessas mulheres com o ciclo de reprodução de uma semente, que defende a manutenção de sua espécie para que esta tenha condições de dar continuidade ao processo de renovação.

Assim é Conceição das Crioulas, assim é a história dessas mulheres e de tantas outras que brotaram das sementes ali semeadas.



O QUE O MEU CABELO TE FEZ DE MAL PARA VOCÊ DIZER QUE ELE É RUIM?



Poliana Mendes Martins, Aluna de graduação do curso de Licenciatura em Teatro (UnB). Compõe o Coletivo de Articulação em Defesa das Cotas, o Centro de Valorização da Cultura Negra, o Fórum de Mulheres Negras, a Articulação de Jovens Negras Feministas e é amante da poesia.

Desde criança ouço que cabelo crespo ou o denominado “cabelo ruim” só presta sob o corte da tesoura ou sob a escova. Eu, como milhares de mulheres negras de cabelo crespo, ante um processo histórico de socialização inferiorizante da população negra, incorporei essa ideia discriminatória e passei anos lutando contra o meu cabelo, alisando-o, pintando-o, fazendo de tudo para me sentir bonita, ou seja, para ser aceita em uma sociedade que não me aceitava e ainda não me aceita com as características fenotípicas com as quais eu nasci. Hoje, depois de algumas reflexões sobre o que é o racismo, o que o racismo fez comigo e com milhares de homens e mulheres negras, fico triste em saber que para ser vista como “bonita” eu precisava assumir algo que não era meu, mas imposto a mim. Fico mais triste ao ver que esse processo continua e que milhares de mulheres negras ainda sofrem em função desse racismo à brasileira, que impõe a essas mulheres uma mutilação física e psicológica.

Em meio a esse processo, assumir o cabelo crespo foi doloroso para mim e ainda é doloroso para milhares de mulheres negras. Perceber o cabelo crespo como marca positiva de um grupo racial de pertencimento é algo que ainda está sendo construído arduamente não só para mim, mas para milhares de mulheres negras, bem como para milhares de homens negros que têm esse cabelo. Mas chegar até essa construção positiva revela-se uma caminhada extremamente árdua e dolorosa. Exemplos de sofrimento não faltam. Lembro-me de quando um amigo, que usava o cabelo estilo *black power*, me contou ter passado por uma situação bem constrangedora. Ele me disse que certa vez, ao entrar em um ônibus, uma criança se assustou com o cabelo dele e, conseqüentemente, com ele; então, ela pulou assustada no colo da mãe e tampou imediatamente o rosto, por conta do medo que teve da imagem e/ou do corpo negro do meu amigo. Medo esse gerado pela socialização racista que a criança estava tendo.

Situações hostis e humilhantes como essa se repetem cotidianamente com os seres humanos denominados negros e negros. Dia desses fui a uma loja de cosméticos e a vendedora atendente disse-me que tinha uma linha de produtos ótima para o meu cabelo crespo, além de mostrar-me vários selantes, alisantes, escovas progressivas, entre outros métodos ou instrumentos para alisamento de cabelo. Tive que explicar para ela que eu não

estava interessada em alisar o cabelo. Não satisfeita, bem como vitimada e orientada pela sua socialização racista, ela passou a me oferecer um xampu “ótimo”, segundo ela, para “cabelos secos, rebeldes, sem vida e indisciplinados”. O pior é que, ao relatar esse fato, muitas pessoas dirão que ele não tem nada a ver com preconceito e discriminação raciais. Mais do que isso, afirmarão que eu sou “complexada” e dificilmente admitirão ou pensarão que a vendedora supracitada foi socializada com o ideário racista que não permite outra aparência de pessoas que não seja a de tez clara ou, se quiser, branca, e de cabelos lisos, atribuídos como bons.

Ao crescer, gradativamente passei a romper com o ideário racista e embranquecedor imposto a mim. Como muitas mulheres negras, assumi o meu cabelo crespo, parando de alisá-lo. Também passei a usar tranças como mais uma opção de estética. Além disso, parei de pintá-lo constantemente, cortando-o às vezes - por opção e não por imposição - e, por fim, deixando-o livre. Comecei a me rebelar contra a ditadura da aparência branca. Foi aí que comecei a ouvir com mais frequência piadinhas ou frases racistas do tipo: “Cabelo ruim parece bandido: quando não está preso, está armado”. A quanta agressão nós estamos sujeitas!? Todavia, para muitas brasileiras, isso é apenas uma expressão a mais do nosso dia-a-dia, sem conotação racial. Mulheres de cabelo crespo assumido sabem muito bem o que é serem ofendidas ou discriminadas na rua por conta do seu cabelo, bem como da sua negritude. Infelizmente, se há uma coisa que mexe com a auto-estima das mulheres, é o cabelo. Como os ataques aos cabelos crespos são constantes, não é de se estranhar que vejamos tantas irmãs negras com baixa auto-estima e se vendo como feias.

Apesar do esforço individual para me sentir bem com o meu cabelo, muitas coisas me preocupam, ou melhor, me agriem enquanto mulher negra - especialmente a ditadura da branquidão. É difícil ver mulheres com cabelos crespos retratadas com naturalidade em propagandas de TV e fotos espalhadas pelas nossas cidades em outdoors. Quando elas aparecem, na maioria das vezes os seus cabelos estão sob a imposição do branqueamento, isto é, do alisamento. Não é que sou intransigentemente contra o alisamento como opção para mudar a aparência de vez em quando. Sou contra a imposição, contra a incessante obrigação ou ditadura do alisamento, que se torna um “vício” para as mulheres, especialmente as negras. Estas são obrigadas a fazer uso sem

trégua da chapinha para não serem vistas como mulheres não belas.

Os salões de beleza, lojas de cosméticos e os pensadores ou idealizadores da “estética perfeita”, muitas vezes homens brancos, entendem muito bem como alisar um cabelo. Porém, quando a procura é por um produto ou técnica que valorize o cabelo crespo natural e a imagem da pessoa que o possui, quase não há alternativas, fazendo, assim, com que a maioria das mulheres negras alise o cabelo e os homens o cortem para que ninguém veja ou critique as suas características negróides. Quem assume o cabelo crespo como ele é naturalmente ou com qualquer outro estilo, como tranças, dreadlocks, black power, passa por muitos constrangimentos diariamente, ouvindo comentários de que o cabelo “é sujo”, “é medonho”, entre outros absurdos.

O padrão de beleza definido na sociedade brasileira é altamente imposto e cobrado na e pela indústria de cosméticos para pessoas de pele branca. Em geral, os cosméticos, os acessórios estéticos, são pensados pelas e para as pessoas brancas. Os seus idealizadores, orientados por uma ética da convicção embranquecedora, definem e impõe a estética da branquidão a quem não faz parte desse grupo. Pessoas que não têm cabelos lisos, especialmente as negras de cabelos crespos, terminam por ter que “engolir goela abaixo” a ditadura da aparência branca, sofrendo física e psicologicamente ante essa ditadura. Contudo, há alternativas se você se recusar a aceitar tal ditadura. Você poderá até sofrer por conta do conflito estético em que entrará ao buscar estilos alternativos na intenção de assumir o seu cabelo; mas com certeza será mais, muito mais feliz.





O ENTRAVE AOS DIREITOS REPRODUTIVOS NO BRASIL: COMO O RACISMO E O CLASSISMO SEXISTAS TRANSFORMAM A AUTONOMIA DAS MULHERES EM CASO DE POLÍCIA

Tatiana Nascimento dos Santos, lésbica negra feminista, poetisa, integra a Frente pelo Fim da Criminalização das Mulheres e pela Legalização do Aborto, além de ser parte da Coturno de Vênus (Associação Lésbica Feminista de Brasília), do Fórum de Mulheres Negras do DF e da Articulação Nacional de Negras Jovens Feministas, além de ter um pequeno jardim clandestino na varanda da casa da mãe.
Contato: dissonante@gmail.com

O debate público sobre a interrupção voluntária da gravidez, mais conhecida como abortamento, costuma ser polêmico. Recentemente, os comentários que o ministro da Secretaria Especial de Direitos Humanos (SEDH), Paulo Vanucci, fez ao apoiar que o 3º Programa Nacional de Direitos Humanos (PNDH) dá ao tema reacenderam o debate. O PNDH-3 foi lançado em dezembro de 2009, depois de formatado pela SEDH, e o texto vem da 11ª Conferência Nacional de Direitos Humanos de 2008, que reuniu mais de 14 mil pessoas desde as etapas preparatórias.

Os tópicos referentes a descriminalização do aborto e outros direitos reprodutivos não são uma demanda vinda unicamente da 2ª Conferência Nacional de Políticas para Mulheres (2007), como afirmou o ministro, nem são uma questão que só as feministas abordam, mas contam com adesão de outros setores combativos da sociedade, que ousam engrossar o coro feminista de que “sem a garantia dos direitos reprodutivos das mulheres, não há direitos humanos”.

No Brasil, essa discussão passa necessariamente pelo viés do racismo, uma vez que relatórios de organizações nacionais e internacionais, como a Organização Mundial de Saúde (OMS), apontam que a maior parte das mortes por abortamento inseguro é de jovens negras pobres. Estima-se em 400 mil a quantidade anual de mortes abortamento inseguro é a 4ª causa de mortalidade materna no país, e o número indica um genocídio da população negra feminina, promovido pelo estado brasileiro.

Como o Brasil não se compromete na efetivação de políticas públicas que garantam o acesso público, gratuito e de qualidade não só ao abortamento seguro, mas a outras formas de contracepção e planejamento familiar, diminuindo assim o número de mortes, ele está efetivamente colaborando pra que nós mulheres morramos.

As mulheres não deixam de abortar porque é ilegal, e fazem a difícil escolha de interromper uma gravidez não desejada ou inviável, mesmo indo contra seus preceitos religiosos e colocando suas vidas em risco. Quer dizer, a autonomia sobre nossos corpos continua sendo exercida, a despeito dos entraves e impedimentos que o estado, gerido majoritariamente por homens, nos impõe.

Com a criminalização do aborto constando no Código Penal brasileiro, temos sido tratadas como criminosas porque decidimos fazer o que achamos apropriado, mesmo em momentos de profundo desespero, sob duras críticas, falta de apoio e condenação moral, e sem as menores condições de segurança e higiene. Essa condição precária que os abortamentos ilegais assumem é o que causa sua insegurança, e torna o aborto uma questão de saúde pública no Brasil.

Também é uma questão de raça e classe porque a ilegalidade não impede mulheres brancas de abortarem em condições mais seguras, por terem acesso financeiro a clínicas clandestinas e serviços psicológicos que auxiliam na superação da experiência geralmente traumática de interromper uma gravidez.

E enquanto lideranças religiosas fundamentalistas e autoritárias discutem, com os donos do poder e com os cientistas, sobre “o momento da concepção da vida”, sem consenso e sem acordo, a hipocrisia racista e elitista continua causando hemorragia e definindo o momento de concepção da morte de milhares de jovens mulheres negras. Pagamos com a vida por sermos donas de nossos corpos e responsáveis por nossas escolhas. Essa responsabilização não deve ser punida com negligência, criminalização e morte.

VOCÊ SABIA:...

- Que o 3º Programa Nacional dos Direitos Humanos – assinado pelo presidente Lula e com o qual vários ministérios, inclusive a SEDH, se comprometeram –

apóia “a aprovação do projeto de lei que descriminaliza o aborto, considerando a autonomia das mulheres para decidir sobre seus corpos” e a “Garantia dos direitos das mulheres para o estabelecimento das condições necessárias para sua plena cidadania” (PNDH-3, Diretriz 9, Objetivo Estratégico 3)?;

- Que o aborto é uma prática muito antiga de várias civilizações? Até hoje raízes e mulheres que vivem no campo usam chás e garrafadas pra “chamar a menstruação” ou “fazer descer”;

- Que em todos os países ocidentais que legalizaram o aborto observa-se cada vez mais uma diminuição do número de abortos? Quando se legaliza, fala-se mais sobre o assunto, aumentando a informação para contracepção;

- Que você não precisa ser a favor do aborto pra ser a favor que outras mulheres o façam? A legalização do aborto não vai forçar nenhuma mulher a abortar, só vai dar condições mais seguras pras que querem realizá-lo. Quem é contra poderá manter sua opinião.

**DIREITO
AO ABORTO**

**EDUCAÇÃO SEXUAL
PARA ESCOLHER**

CONTRACEPÇÃO PARA PREVENIR

**ABORTO LEGAL
PARA NÃO MORRER**

PELA VIDA DAS MULHERES

**Movimento de
Mulheres Brasileiras**

RELAÇÕES AFETIVAS E AS MULHERES NEGRAS: NOVAS LINGUAGENS HÃO DE SER SENTIDAS...



Natália Maria Alves Machado, Graduada em Antropologia UnB, pesquisadora do Afroatitudo UnB, ativista do Fórum de Mulheres Negras do DF e do Coletivo de Articulação em Defesa das Cotas.

Poucas coisas tocam tanto a variadas pessoas quanto discussões sobre romances. Isso talvez por este tema nos remeter à sexualidade e à família, temas vistos como muito importantes por quase tod@s em nossa sociedade. Filmes, programas de TV, literatura, histórias imemoriais, há muito que se contam sobre isso. Muito se fala sobre romances e anti-romantismos, todavia, um ou outro pólo não explora a infinidade de elementos envolvidos em relações dessa natureza.

Se é sabido que todas as pessoas do mundo não se comportam da mesma maneira, no assunto aqui tratado não seria diferente. Falando aqui do grupo social de pele negra, é notório que, apesar da grande variedade que abriga, são pessoas desconsideradas em sua origem cultural e em suas características, com um passado e um presente de dificuldades e privações, e com uma história de resistência e criatividade, é sempre bom destacar.

Imaginem a maneira de se comportar diante da escravização, da discriminação, de diversas formas de violência. Bell Hooks, mulher negra, ativista e escritora norte-americana, fala, em um de seus escritos, que a escravização e seus efeitos impactaram profundamente o ato de amar, isso se deu tanto da parte do grupo negro, quanto da parte dos outros grupos raciais que com ele vêm se relacionando (ou negando se relacionar!). A desumanização da pessoa negra, infelizmente até hoje em operação, impacta a sociedade com um todo e cria formas e formas de vínculos. Se mulheres de todas as cores são discriminadas pelo machismo, se negr@s de todos os gêneros são discriminad@s pelo racismo, é de se considerar a junção de discriminações que carregam as mulheres negras, sem contar as tantas outras marcas que na vida carregamos.

Quem nunca se questionou pelo fato de as mulheres consideradas bonitas ou com traços serem quase sempre brancas ou com traços próximos a isso? As mocinhas, as mulheres consideradas “dignas”, as princesas, bonecas e demais figuras formadoras dos padrões e gostos serem majoritariamente brancas e tudo que remete a negritude ser considerado feio, impuro, animalizado? Piadas, cantadas e outros ditos populares colocando a pessoa negra em local de ridículo e negação? “Mulher branca pra casar, mulata pra fuder, preta pra trabalhar...”, “nega do cabelo duro...”, “neguinha safada...”, “nega do suvaco fedorento...”, “nega metida e abusada...”, “não é que eu sou racista, mas negra é mesmo feia, é meu gosto”, entre outras atrocidades.

O racismo só se manifesta diretamente? Não e não! Agressões físicas e verbais diretas manifestam racismo sim, mas não só elas. Falta de representação é racismo violento! Desamor e desafeto também! Negação da história de um povo também é! Olhares, emanações, expressões, diversas formas de tratamento podem ser racismo que, se somado ao longo da vida, mata trajetórias e gera incríveis feridas em toda uma população, tolhe seu caminho. Todo um leque de ação no mundo vê e trata @sujeit@ negr@ como alvo de violações, ainda que de forma supostamente velada e inconsciente.

Voltando ao papo dos romances, é comum ouvirmos pelas ruas mulheres negras dizendo: “Faço tudo pela pessoa que amo, mas ela nunca assume um relacionamento comigo”; “Comigo só querem sexo”; “Me disseram que sou maravilhosa em tudo, que torcem pra eu ser feliz, mas que o melhor não se envolver...”, “Na hora da paquetera já chegam junto com o ‘menor cuidado, como se eu estivesse à disposição’”; entre outras pérolas, sem contar as famílias nas quais, se alguém que as integra se relaciona com pessoas negras, geralmente esse alguém é desaprovado e a parceira é agredida por todo lado, inclusive pel@ parceir@ que geralmente não segura à barra e não vence seu próprio racismo arraigado. A possibilidade de filh@s negr@s é execrada, somos negadas em carne e alma.

Não é à toa que muitas mulheres negras envelhecem e morrem como vítimas de violência doméstica, chefas solitárias de lares inteiros, mães solteiras. Ainda sendo abordadas como mucamas que eram estupradas pelo senhor de escrav@s, amas de leite e babás dos filhos de mães brancas, corpos para turismo e exportação genocida, zeladoras da casa e de todo capricho imposto pelo poder pigmentocrático. Se a pessoa negra ocupa o lugar do que é feio, perigoso, impuro, incapaz, animalizado, do que deve só servir, como poderia esta pessoa ser desejada/vista como possível companheira, esposa, alguém que merece carinho, alguém para dar continuidade aos laços parentais e às tradições da família? Os gostos e intenções brotam da mente, mente bastante fruto da história e da cultura; nada é tão por acaso. Coloquemos todos nossos gostos e desejos sob análise e vejamos o que os direciona.

Não adianta pessoas não negras dizerem que quem mais se discrimina é @própri@ negr@, isso é querer tirar o corpo fora. Fracamente, não é ato de heroísmo manter intacta a auto-estima quando o mundo só oferece desrespeito? Bem sabemos que não

somos tratadas como delicadas ou frágeis, sabemos também que não queremos ser isso ou aquilo. Exigimos é sermos olhadas como seres integrais que podem ser da forma que quiserem ser. Mulheres de todas as cores não são simples objetos do desejo alheio!

Um dia ouvi uma história sobre a filha de uma amiga: “Mãe, gosto de um menino na escola, mas ele não me quer porque diz que sou uma preta feia...”. A menina achava que o problema era ela, sofria com esse peso; afinal ninguém agüenta carregar um erro histórico como se fosse algo só seu. (Daí a importância da coletivização! Da troca com quem vive a mesma coisa!). Então, a mãe belamente respondeu: “Filha, problema dele que é limitado, que só vê um tipo de beleza, azar dele que não tem olhos pra ver as várias belezas no mundo”. Linda resposta afirmativa! Será que o problema é só nosso, ou é, sobretudo, de uma sociedade nitida em seus arranjos e formas de percepção?

Mulheres negras em idade avançada costumam já ter uma história de poucos resultados na vida afetivo-sexual. Mulheres negras jovens não foram ou são as noras ideais do passado ou as mina descoladas do presente, peso de lugares e não lugares, poucos espaços de livre-expressão. Contudo, estamos sempre na glória de nossas reinvenções na maneira de existir apesar, a levar, transitando margens e cantando estradas. Sejamos nosso centro!

Há quem tenha a coragem de dizer que um artigo como esse é vitimização, o que nos soaria como insensibilidade em não encarar a força dos fatos. A intenção é que nós negras, nos leiamos aqui como legítimas figuras de resistência que, como a terra, fazemos brotar flores do lodo. Como a terra, continuamos ocupando posições fundamentais na reprodução física, econômica e cultural de uma sociedade que nos rejeita. Ainda assim, sempre é tempo de exigir o que de nosso é o bom e o direito; mudar nosso foco, gritar por órgãos que possam captar o profundo de nosso toque, cheiro, gosto, visão, sons. E que possam nos oferecer tudo isso também. Há que se expandir a percepção. Há que se sentir novas linguagens ou esse mundo não será possível para nós. Ainda assim escolho primeiro festejar, “Vem celebrar comigo, que todo dia algo tentou me matar, e fracassou...”. Somos sobreviventes, somos vivas viventes!

**Dito esse texto, dedico odes e afetos às mulheres da minha família, vivas calungas, negras ascendendo e descendo em cor(ação)....*

RELAÇÕES AFETIVAS E AS MULHERES NEGRAS: NOVAS LINGUAGENS HÃO DE SER SENTIDAS...



Natália Maria Alves Machado, Graduada em Antropologia UnB, pesquisadora do Afroatitide UnB, ativista do Fórum de Mulheres Negras do DF e do Coletivo de Articulação em Defesa das Cotas.

Poucas coisas tocam tanto a variadas pessoas quanto discussões sobre romances. Isso talvez por este tema nos remeter à sexualidade e à família, temas vistos como muito importantes por quase tod@s em nossa sociedade. Filmes, programas de TV, literatura, histórias imemoriais, há muito que se contam sobre isso. Muito se fala sobre romances e anti-romantismos, todavia, um ou outro pólo não explora a infinidade de elementos envolvidos em relações dessa natureza.

Se é sabido que todas as pessoas do mundo não se comportam da mesma maneira, no assunto aqui tratado não seria diferente. Falando aqui do grupo social de pele negra, é notório que, apesar da grande variedade que abriga, são pessoas desconsideradas em sua origem cultural e em suas características, com um passado e um presente de dificuldades e privações, contudo, de resistência e criatividade, é sempre bom destacar.

Imaginem a maneira de se comportar diante da escravização, da discriminação, de diversas formas de violência. Bell Hooks, mulher negra, ativista e escritora norte-americana, fala, em um de seus escritos, que a escravização e seus efeitos impactaram profundamente o ato de amar, isso se deu tanto da parte do grupo negro, quanto da parte dos outros grupos raciais que com ele vêm se relacionando (ou negando se relacionar!). A desumanização da pessoa negra, infelizmente até hoje em operação, impacta a sociedade com um todo e cria formas e formas de vínculos. Se mulheres de todas as cores são discriminadas pelo machismo, se negr@s de todos os gêneros são discriminad@s pelo racismo, é de se considerar a junção de discriminações que carregam as mulheres negras, sem contar as tantas outras marcas que na vida carregamos.

Quem nunca se questionou pelo fato de as mulheres consideradas bonitas na televisão serem quase sempre brancas ou com traços próximos a isso? As mocinhas, as mulheres consideradas “dignas”, as princesas, bonecas e demais figuras formadoras dos padrões e gostos serem majoritariamente brancas e tudo que remete a negritude ser considerado feio, impuro, animalizado? Piadas, cantadas e outros ditos populares colocando a pessoa negra em local de ridículo e negação? “Mulher branca pra casar, mulata pra fuder, preta pra trabalhar...”, “nega do cabelo duro...”, “neguinha safada...”, “nega do suvaco fedorento...”, “nega metida e abusada...”, “não é que eu sou racista, mas negra é mesmo feia, é meu gosto”, entre outras atrocidades.

O racismo só se manifesta diretamente? Não e não! Agressões físicas e verbais diretas manifestam racismo sim, mas não só elas. Falta de representação é racismo violento! Desamor e desafeto também! Negação da história de um povo também é! Olhares, emanações, expressões, diversas formas de tratamento podem ser racismo que, se somado ao longo da vida, mata trajetórias e gera incríveis feridas em toda uma população, tolhe seu caminho. Todo um leque de ação no mundo vê e trata @sujeit@ negr@ como alvo de violações, ainda que de forma supostamente velada e inconsciente.

Voltando ao papo dos romances, é comum ouvirmos pelas ruas mulheres negras dizendo: “Faço tudo pela pessoa que amo, mas ela nunca assume um relacionamento comigo”; “Comigo só querem sexo”; “Me disseram que sou maravilhosa em tudo, que torcerem pra eu ser feliz, mas que o melhor não se envolver...”, “Na hora da paqueteria já chegam junto com o “menor cuidado, como se eu estivesse à disposição”; entre outras pérolas, sem contar as famílias nas quais, se alguém que as integra se relaciona com pessoas negras, geralmente esse alguém é desaprovado e a parceira é agredida por todo lado, inclusive pel@ parceir@ que geralmente não segura à barra e não vence seu próprio racismo arraigado. A possibilidade de filh@s negr@s é execrada, somos negadas em carne e alma.

Não é à toa que muitas mulheres negras envelhecem e morrem como vítimas de violência doméstica, chefas solitárias de lares inteiros, mães solteiras. Ainda sendo abordadas como mucamas que eram estupradas pelo senhor de escrav@s, amas de leite e babás dos filhos de mães brancas, corpos para turismo e exportação genocida, zeladoras da casa e de todo capricho imposto pelo poder pigmentocrático. Se a pessoa negra ocupa o lugar do que é feio, perigoso, impuro, incapaz, animalizado, do que deve só servir, como poderia esta pessoa ser desejada/vista como possível companheira, esposa, alguém que merece carinho, alguém para dar continuidade aos laços parentais e às tradições da família? Os gostos e intenções brotam da mente, mente bastante fruto da história e da cultura; nada é tão por acaso. Coloquemos todos nossos gostos e desejos sob análise e vejamos o que os direciona.

Não adianta pessoas não negras dizerem que quem mais se discrimina é @própri@ negr@, isso é querer tirar o corpo fora. Fractante, não é ato de heroísmo manter intacta a auto-estima quando o mundo só oferece desrespeito? Bem sabemos que não

somos tratadas como delicadas ou frágeis, sabemos também que não queremos ser isso ou aquilo. Exigimos é sermos olhadas como seres integrais que podem ser da forma que quiserem ser. Mulheres de todas as cores não são simples objetos do desejo alheio!

Um dia ouvi uma história sobre a filha de uma amiga: “Mãe, gosto de um menino na escola, mas ele não me quer porque diz que sou uma preta feia...”. A menina achava que o problema era ela, sofria com esse peso; afinal ninguém agüenta carregar um erro histórico como se fosse algo só seu. (Daí a importância da coletivização! Da troca com quem vive a mesma coisa!). Então, a mãe belamente respondeu: “Filha, problema dele que é limitado, que só vê um tipo de beleza, azar dele que não tem olhos pra ver as várias belezas no mundo”. Linda resposta afirmativa! Será que o problema é só nosso, ou é, sobretudo, de uma sociedade nitida em seus arranjos e formas de percepção?

Mulheres negras em idade avançada costumam já ter uma história de poucos resultados na vida afetivo-sexual. Mulheres negras jovens não foram ou são as noras ideais do passado ou as mina descoladas do presente, peso de lugares e não lugares, poucos espaços de livre-expressão. Contudo, estamos sempre na glória de nossas reinvenções na maneira de existir apesar, a levar, transitando margens e cantando estradas. Sejamos nosso centro!

Há quem tenha a coragem de dizer que um artigo como esse é vitimização, o que nos soaria como insensibilidade em não encarar a força dos fatos. A intenção é que nós negras, nos leiamos aqui como legítimas figuras de resistência que, como a terra, fazemos brotar flores do lodo. Como a terra, continuamos ocupando posições fundamentais na reprodução física, econômica e cultural de uma sociedade que nos rejeita. Ainda assim, sempre é tempo de exigir o que de nosso é o bom e o direito; mudar nosso foco, gritar por órgãos que possam captar o profundo de nosso toque, cheiro, gosto, visão, sons. E que possam nos oferecer tudo isso também. Há que se expandir a percepção. Há que se sentir novas linguagens ou esse mundo não será possível para nós. Ainda assim escolho primeiro festejar, “Vem celebrar comigo, que todo dia algo tentou me matar, e fracassou...”. Somos sobreviventes, somos vivas viventes!

**Dito esse texto, dedico odes e afetos às mulheres da minha família, vivas calungas, negras ascendendo e descendo em cor(ação)...*

PETARDO

CRISTIANE SOBRAL

ESCREVI AQUELA ESTÓRIA ESCURA SIM.
SOLTEI MEU GRITO CRIULO SEM MEDO
PRA VOCÊ SABER:
FAÇO QUESTÃO DE SER NEGRA NESSA CIDADE DESCOLORIDA,
DOA A QUEM DOER.
FAÇO QUESTÃO DE EMPINAR MEU CABELO CHEIO DE PODER.
ENCRESPAREI SEMPRE.
EM MEIO A ESTA NOITE EMBRIAGADA DE TREJEITOS BRANCOS E
FÚTEIS.
ESCREVI AQUELE CONTO NEGRO BEM SÓBRIA,
PARA VOCÊ PERCEBER DE UMA VEZ POR TODAS
QUE ENTRE A MINHA PELE E O PAPEL QUE EMBRULHA OS SEUS
CADERNOS
NÃO HÁ COMPARAÇÃO PARDA CABÍVEL,
HÁ UM OCEANO,
O MESMO MAR CEMITÉRIO QUE ABRIGA OS MEUS
ANTEPASSADOS ASSASSINADOS,
POR ESSA MESMA ESCRAVIDÃO QUE AINDA NOS OPRIME.
ESCREVI
ESCREVO
ESCREVEREI
COM LETRAS GARRAFAS VERMELHO-VIVO,
PRA VOCÊ LEMBRAR QUE JORROU MUITO SANGUE.

O PÓLEN PÚRPURA DA PALAVRA

TATIANA SANTOS

(TOC
TOC TOC
TOC)
QUEM VEM LÁ?
EU QUE NÃO ABRIA A PORTA
SE SABIA QUE ERA PRA VOCÊ ENTRAR
MAS MESMO SEM AGÔ NEM MOTUMBÁ VOCÊ IA PASSAR
PRA PISAR NO TAPETE MÁGICO DA MINHA LÍNGUA
COM SUAS BOTAS DE MORTE
PRA SENTAR NO CÉU ENCANTADO DA MINHA BOCA
COM SUAS ANCAS DE CHICOTE
RIR DO MEU PRANTO
QUEBRAR MEU SORRISO
E LARGAR TUDO ROMPIDO
EU IA CAMINHAR UMA NOITE DE QUINHENTOS ANOS
PRA ME REMENDAR
MAS UMA HORA VOCÊ DORME, NÃO DORME?
AH,
DORME,
UMA HORA VOCÊ DORME...
E EU NÃO TE ESPERO ACORDAR PRA LASCAR MINHA LÍNGUA
DE ACOITE NAS COSTAS DO TEU ROUBO SECULAR
RETOMAR O AR
CHEIO DO PÓLEN PÚRPURA DA PALAVRA
TE SUFOCANDO
MINHA GARGANTA
ME LIBERTANDO

A-LUGAR-SE

NATÁLIA MARIA

MEU LUGAR É UM A PARTIR
E. NÃO UM FIM EM SI
INDO E VINDO
FAÇO AS PAZES, PARTO PARIR.

RAÍZES FORTALECIDAS
ENCRAVADAS COM MAGIA
PARA CAULES A SUSTENTAR
RAMOS TOCANDO O CÉU.

EM RESISTÊNCIA E FALA VIVA

A SEMENTE-PELE É ESTANDARTE,
MAS PINTADA EM CORES FORTES
POR SINA E POR DEVOÇÃO,
EIS-ME POR AÍ...

TRINCHEIRA

CUTI

FALARAM TANTO QUE NOSSO CABELO ERA RUIM
QUE A MAIORIA ACREDITOU
E PÔS FIM
(RASPOUQUEIMOUALISOUFRISOUTRANÇOURELAXOU...)
AINDA BEM QUE AS RAÍZES CONTINUAM INTACTAS
E HÁ MARAVILHOSOS PÊLOS CRESPOS
CONCIENTES
NO QUILOMBO DAS REGIÕES MAIS ÍNTIMAS
DE CADA UM DE NÓS" (POEMA TRINCHEIRA,
DO CUTI)

APOIO:

Fundo de Desenvolvimento das Nações Unidas para a Mulher



*Este suplemento é parte integrante do Nosso Jornal, produzido pelo Coletivo de Articulação em Defesa das Cotas, em março de 2010. Edição: Paula Balduino de Melo e Poliana Mendes Martins. Contato: coletivoprocotas@gmail.com

